

Nota sobre a Filosofia e o Espírito Crítico

Alberto Cupani (*)

Constitui um fenômeno freqüente na vida intelectual contemporânea a defesa da filosofia em nome da necessidade de cultivar o espírito crítico do homem⁽¹⁾. De acordo com os casos, a filosofia é apresentada seja como condição do espírito crítico, seja como sinônimo dele. Proponho-me aqui dois objetivos: mostrar a necessidade de diferenciar os dois problemas (isto é, o problema do espírito crítico, de uma parte, e o problema da filosofia, de outra), e indicar os possíveis rumos no tratamento de cada um daqueles problemas.

I. Sobre o "espírito crítico"

Não é uma coisa fácil determinar o que se pretende significar com os constantes reclamos de "espírito crítico". Parece tratar-se da capacidade e o hábito de duvidar, questionar, perguntar e perguntar-se... vale dizer, o contrário da admissão passiva de idéias e interpretações dos fatos⁽²⁾.

Esse "espírito crítico" é geralmente reivindicado por dois motivos. De uma parte, o "espírito crítico" serviria como defesa da autonomia do indivíduo (autonomia associada sempre, de algum modo, a seu caráter de pessoa) face a uma sociedade que controla cada vez mais completamente seu comportamento, seus sentimentos, seu pensamento. De outra parte, sustenta-se que o "espírito crítico" é necessário para as descobertas e invenções, para o progresso contínuo da humanidade, para que a mente não se limite aos caminhos rotineiros.

II. Sobre a "filosofia" atual

A menos que se esteja identificado com uma dada noção de filosofia até o ponto de declarar, ipso facto, erradas as outras, não é

(*) Professor Adjunto do Departamento de Filosofia do Centro de Ciências Humanas da UFSC.

também fácil determinar o que significa atualmente a palavra "filosofia", reclamada por atividades intelectuais bastante diferentes entre si. Proponho classificar essas atividades em dois grupos:

- (A) Em certos casos, "filosofia" é a denominação da atividade intelectual ⁽³⁾ de um grupo de pessoas que constituem uma escola, um movimento ou pelo menos um tendência, em razão de compartilhar uma doutrina, uma teoria ou uma metodologia determinada ⁽⁴⁾.
- (B) Nos casos restantes, "filosofia" designa a atividade intelectual de pessoas que não se identificam com uma dada doutrina, teoria ou metodologia, negando-se porém a ver a "filosofia" como mera síntese de dados científicos, à maneira do positivismo vulgar. Vale dizer: estas pessoas defendem a peculiaridade da "filosofia", mais especificamente, de uma sorte de "atitude filosófica" na vida.

Tenho a impressão de que os "filósofos" do primeiro grupo vêm na "filosofia" ⁽⁵⁾ uma *condição* (talvez, a condição) para que se dê o "espírito crítico" (no sentido antes determinado). Por sua vez, os "filósofos" do segundo grupo parece-me que *identificam* "filosofia" e "espírito crítico" ⁽⁶⁾.

III. Sobre a vinculação da "filosofia" com o "espírito crítico"

Creio que o "espírito crítico" não pode consistir, nem numa consequência da "filosofia" (como sustenta o grupo A), nem na "filosofia" mesma (como pensa o grupo B).

Resulta muito duvidoso, em primeiro lugar, que a "filosofia" (no sentido do grupo A) seja a condição do "espírito crítico". A experiência ensina que as pessoas que se acostumam a pensar de acordo com determinados esquemas ⁽⁷⁾ sóem ter dificuldades para pensar fora deles. Longe de estarem dispostas a essa espécie de questionamento universal que parece postular-se sob a denominação de "espírito crítico", aquelas pessoas geralmente entendem por "questionamento" o esforço para assimilar um problema aos esquemas com os quais estão identificadas. Ao mesmo tempo, raramente põem em questão os esquemas mesmos. De modo que, na minha opinião, o "espírito crítico",

neste caso, deveria ser *condição* (e não *conseqüência*) da "filosofia": precisa-se de "espírito crítico" *para* que este tipo de "filosofia" não se torne dogmática.

Em segundo lugar, me parece que constitui um fraco favor para a "filosofia" identificá-la com o "espírito crítico" (como o faz o nosso grupo B). Para começar, "filosofia" é um nome carregado com demasiadas ressonâncias históricas. Se o que se quer é postular o "espírito crítico", para que dar-lhe outra denominação? E se não se trata de um mero problema de denominação, senão que se quer dizer que a "filosofia", de fato, é "espírito crítico" (e somente isso), então acho que o que se está afirmando (implícita ou explicitamente) é que as pretensões da filosofia clássica ocidental têm fracassado. Retomarei este assunto um pouco mais adiante.

Se tenho razão na minha convicção de que o "espírito crítico" não pode constituir nem a *conseqüência* da "filosofia" nem um sinônimo dela, então resulta que o destino da "filosofia" e o destino do "espírito crítico" devem ser meditados separadamente.

IV. *Sobre o destino da filosofia clássica*

Desde as suas origens gregas, a filosofia ocidental representou uma tentativa de atingir um saber racional, integral e radical que pudesse orientar a ação humana, individual e comunitária.

A partir de Kant, primeiro, e do Positivismo depois, tornou-se habitual duvidar da factibilidade daquela tentativa, chegando-se muitas vezes a negar a sua possibilidade. Daquela dúvida, ou desta negativa, têm partido as conhecidas reduções da filosofia à reflexão sobre a ciência, análise da linguagem, história da mesma filosofia ou meditações quase autobiográficas.

Todavia, se a filosofia não quer ceder a tais reduções e persiste na sua pretensão inata de ser um saber específico (e até o saber mais importante), bem como de orientar a vida humana, ela vê-se obrigada a reivindicar essa pretensão numa época, na qual, de uma parte, a ciência positiva tem-se convertido em paradigma de saber válido, e de outra, a vida social exige a priori de qualquer pretensão saber que — a imagem e semelhança da ciência — possa justificar-se pela sua função social.

Penso que se a filosofia clássica consegue sobreviver será porque teria alcançado duas coisas: demonstrar, face ao saber científico, que ela é também, à sua maneira, um saber consistente, e demonstrar perante a sociedade que ela é uma atividade de algum modo proveitosa. Se não for assim, temo que a filosofia vai desaparecer.

Não há dúvida de que para se chegar àquela dupla demonstração é necessário "espírito crítico" (8). Mas seja-me permitido repetir que o "espírito crítico" não é ainda aquela filosofia *quae est demonstranda*.

VI. Sobre o destino do espírito crítico

O "espírito crítico" que vimos considerando é, segundo me parece, algo indispensável em qualquer atividade humana que queira evitar a rigidez, o dogmatismo, a rotina, a mera repetição, a cegueira para as mudanças necessárias (9).

Mas o mero questionar pode ser um perguntar sem método nem maturidade, que descubra o que já foi descoberto, que se prenda a pseudoproblemas, ou que simplesmente malgaste esforços em questões autênticas, porém já resolvidas. Por isso, creio que, para evitar tais conseqüências, o "espírito crítico" deveria ser caracterizado, não in abstracto, senão relativamente ao pensamento que eu chamaria de "canônico" (10) para uma dada época, situação ou disciplina (isto é, o pensamento que se haja comprovado como frutífero para elas até o momento). O "espírito crítico" seria um "plus" a respeito do pensamento canônico, o que implicaria em que somente quem estivesse suficientemente familiarizado com o pensamento canônico poderia detectar as suas eventuais falhas e limitações, assim como propor modos de pensamento alternativos.

Quanto foi dito não exclui, certamente, as possibilidades da "chispa genial", do pensador que quebra esquemas sem tê-los conhecido, da imaginação criadora e ou salvadora, etc. Mas deixa essas possibilidades no seu lugar adequado, vale dizer como exceções.

Notas:

- (1) Nosta-se esta defesa não apenas quando tem por objetivo a filosofia in abstracto — digamos, como atividade humana ou como disciplina —, senão também (e até especialmente) quando se trata de estimular o cultivo da filosofia em situações concretas (por exemplo, como "matéria" em currículos não filológicos ou como curso de filosofia na universidade).
- (2) Claro que é sempre possível caracterizar o "espírito crítico" de outra maneira, por exemplo incluindo métodos de "crítica" e critério (s) de verdade. Aqui estou me referindo à forma mais difundida de defender — acriticamente! — o "espírito crítico".
- (3) Incluindo, naturalmente, os seus produtos: publicações, cursos, conferências...
- (4) Podem valer como exemplos respectivos a Neoescolástica, o Marxismo e a Filosofia Analítica.
- (5) Obviamente que assim como cada grupo a entende.
- (6) Assim, o filósofo vem caracterizado freqüentemente como o homem "com senso do problemático", ou então "aquele para quem uma questão nunca está definitivamente respondida", etc.
- (7) Recordemos que tais esquemas podem ser, de acordo com os casos, os conteúdos de uma doutrina, as hipóteses de uma teoria ou as regras de uma metodologia.
- (8) Sobretudo, para não responder com excessiva docilidade aos condicionamentos sociais, entre os quais está hoje a crença (convertida em lugar comum) de que o único saber estreito é o saber científico.
- (9) Para que a arte, por exemplo, evite o academismo; a religião, o fanatismo; a política, o conservadorismo rígido, etc.
- (10) Estou me remetendo, certamente, ao sentido etimológico da palavra "cânon" (regra, padrão, medida).